M

ISSÃO DE FRONTEIRA

Nas propostas do XXI Capítulo Geral, aparece a expressão *missão de fronteira[[1]](#footnote-1).* Nos documentos da Igreja, a fronteira vem assimilada à *periferia,* às *margens,* isto é, onde vivem os mais necessitados, os mais pobres. O Papa Francisco assim o expressa: “*Saiam de seu ninho rumo às periferias do homem e da mulher de hoje! Vivam nas periferias*[[2]](#footnote-2)”.

O significado de ‘periferia’ é circunferência, o espaço que rodeia o núcleo ou centro. A periferia em uma cidade, ou a fronteira em um país é o que está fora, que só pode coincidir com os bairros mais pobres e os núcleos da marginalidade. Para ir à periferia é necessário descentrar-se, isto é, sair do centro onde se vive melhor. A missão de fronteira é como reiniciar o êxodo, mas não rumo à terra prometida, mas à terra marginalizada; é viver em condição de êxodo, sem se instalar.

 O Êxodo se converte no acontecimento permanentemente lembrado ao longo da história do povo de Israel e deu sentido à sua existência. A Moisés Deus se revela na periferia, na sarça que arde sem se consumir[[3]](#footnote-3). A sarça, um arbusto espinhoso, pode simbolizar o sofrimento dos pobres, sofrimento permanente que não se consome e em cujo centro, também de modo permanente, está Deus, que busca mediadores; em Seu nome e com Ele dirigem-se à periferia, como Moisés, chamado a libertar o povo[[4]](#footnote-4).

O Deus de Jesus é o “Deus da periferia”, por isso alguns autores definem Jesus como “judeu marginal”[[5]](#footnote-5). Toda a sua vida foi uma entrega à causa do Reino, presente entre os mais pobres, os mais vulneráveis e marginalizados. “Jesus se encarnou na marginalidade e, a partir dela, fez-se salvador universal. O Espírito que nos legou, único lugar teologal do encontro com a vontade de Deus, habita também as margens. Jesus afirma que sua missão nas periferias do mundo é provocada pelo Espírito de Deus[[6]](#footnote-6).

A missão de fronteira é a que impulsiona a sair[[7]](#footnote-7), a se deslocar para lugares sem poder, onde se respira e se aprende um conjunto de situações, pessoas e coletividades às quais se nega todo o poder , inclusive o de poder ser e viver dignamente. Como expressa um autor, para ter vontade profética o cristão precisa ter muito viva no coração *a herança dos marginalizados* e o chamado dos que buscam uma nova esperança. Nesses lugares periféricos, na reciprocidade de dar e receber, aos crentes se oferece uma preciosa dádiva: a memória perigosa de Jesus. “Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar torna-se autorreferencial e então adoece”, diz o Papa Francisco[[8]](#footnote-8).

A missão de fronteira é missão a partir dos marginalizados. O desígnio de Deus para o mundo não é criar outro mundo, mas recriar o que Deus já criou com amor e sabedoria. Jesus começou seu ministério afirmando que estar pleno do Espírito é libertar os oprimidos, restaurar a visão aos cegos e anunciar a vinda do Reino de Deus[[9]](#footnote-9). Empreendeu o cumprimento de sua missão optando pelos que estão nas margens da sociedade, com o objetivo de impugnar e transformar tudo o que é vida, incluindo-se as culturas e os sistemas que geram e manifestam a pobreza, a discriminação e a desumanização generalizadas e exploram e destroem as pessoas e a terra. A missão a partir dos marginalizados convida a Igreja a voltar a pensar na missão como vocação que nos inspira o Espírito de Deus, que trabalha por um mundo em que a plenitude de vida seja possível para todas as pessoas[[10]](#footnote-10).

De diversas maneiras o Instituto está motivando para uma mobilização para missões de fronteira. O projeto Ad Gentes foi um convite do Ir. Seán a todos os irmãos do Instituto para discernir, diante de Deus, se eles se sentiam chamados a deixar seu próprio país de origem para se incorporar a uma comunidade internacional em outro lugar do mundo. O Ir. Emili renovou esse convite, porém dirigido a todos os maristas de Champagnat. Convite para dedicar alguns anos ao serviço da missão marista além das fronteiras da província ou do país.

Da mesma forma, o Conselho Geral decidiu criar o Secretariado da *“Colaboração Missionária Internacional”* (CMI), tratando de promover uma consciência missionária que supere os limites geográficos de países e unidades administrativas, bem como facilitar a mobilidade de pessoas a serviço da missão. Neste espírito está o ir aonde outros não podem ou não querem ir e permanecer até que não sejamos mais necessários.

O sentido de *internacionalidade* integra esta formosa resposta que neste momento o Instituto quer dar. “Como irmãos e leigos que vivemos no mundo globalizado de hoje, somos chamados a ter um horizonte internacional em nossas mentes e corações”, diz o Ir. Emili Turú[[11]](#footnote-11). Assim também se expressaram os membros do XXI Capítulo Geral, fazendo eco às palavras de nosso fundador: “*Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos*”.

O XXI Capítulo geral indica uma forma de integrar esta dinâmica de missão quando convida a “*ver o mundo com os olhos das crianças e dos jovens pobres”.* Isso significa ver o mundo a partir de baixo, a partir do nível dos excluídos e esquecidos deste mundo, tal como fizeram Maria e Marcelino. Ver o mundo a partir de baixo exige deslocamento. A presença sincera, verdadeira e solidária junto às crianças e jovem pobres favorece essa conversão pessoal e institucional. A evangelização e o compromisso com a vida em plenitude, conforme o Evangelho, devem estar em todos os nossos projetos de missão de fronteira, assim como em nossos corações e em nossas mentes.

1. Cf. Propostas de ação, Missão, XXI Capítulo Geral, 2009: “Formar comunidades internacionais e interprovinciais, abertas aos irmãos e leigos maristas, para atender a *novos campos de missão de fronteira*”. [↑](#footnote-ref-1)
2. “Saiam de seu ninho rumo às periferias do homem e da mulher de hoje! Por isso, deixem-se encontrar por Cristo. O encontro com Ele os levará ao encontro com os demais e com os mais necessitados, os mais pobres. Cheguem às periferias que esperam a luz do Evangelho. Morem nas periferias! Isto pedirá de vocês vigilância para descobrir a novidade do Espírito; lucidez para reconhecer a complexidade das novas fronteiras; discernimento para identificar os limites e a maneira adequada de proceder; e mergulho na realidade, tocando a carne sofrida de Cristo no povo”. (*Carta apostólica do Santo Padre Francisco a todos os consagrados por ocasião do ano da vida consagrada).* [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. Ex 3, 2 [↑](#footnote-ref-3)
4. Cf Ex 3, 7-12 [↑](#footnote-ref-4)
5. cf. Obra de John P. Meier. “*Un judío marginal*”. Nueva visión del Jesús histórico. Ed. Verbo Divino (Navarra). España. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cf. “Jesús y la voluntad de Dios, su Padre”. José A. García. Sal-Terrae 1993, 10. p. 675-687. [↑](#footnote-ref-6)
7. “O primeiro nome dos cristãos, nos Atos dos Apóstolos (cf. 24, 14) foi “os do caminho”: aqueles que não estão parados, que têm uma meta, que sabem aonde ir. A Igreja, como a vida, é fiel a si mesma quando evolui e muda, não quando defende o que adquiriu”. Emili Turú, en *Até os confins da terra*, Roma, janeiro 2013. [↑](#footnote-ref-7)
8. Para superar a tentação de vislumbrar os limites geográfico de uma diocese ou de uma paróquia, o então Cardeal Bergoglio assumia como próprio o pensamento de Aparecida: *Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (n. 376).* [↑](#footnote-ref-8)
9. Cf Lucas 4: 16-18 [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf *Juntos por la Vida: Misión y Evangelización en Contextos cambiantes*. Proposta de uma nova Afirmação do CMI sobre Missão e Evangelização. N. 36 e 37, setembro de 2012. [↑](#footnote-ref-10)
11. Ir. Emili Turú: Somos chamados a “viver juntos”, em *Montagne, dança da missão,* março de 2015. [↑](#footnote-ref-11)